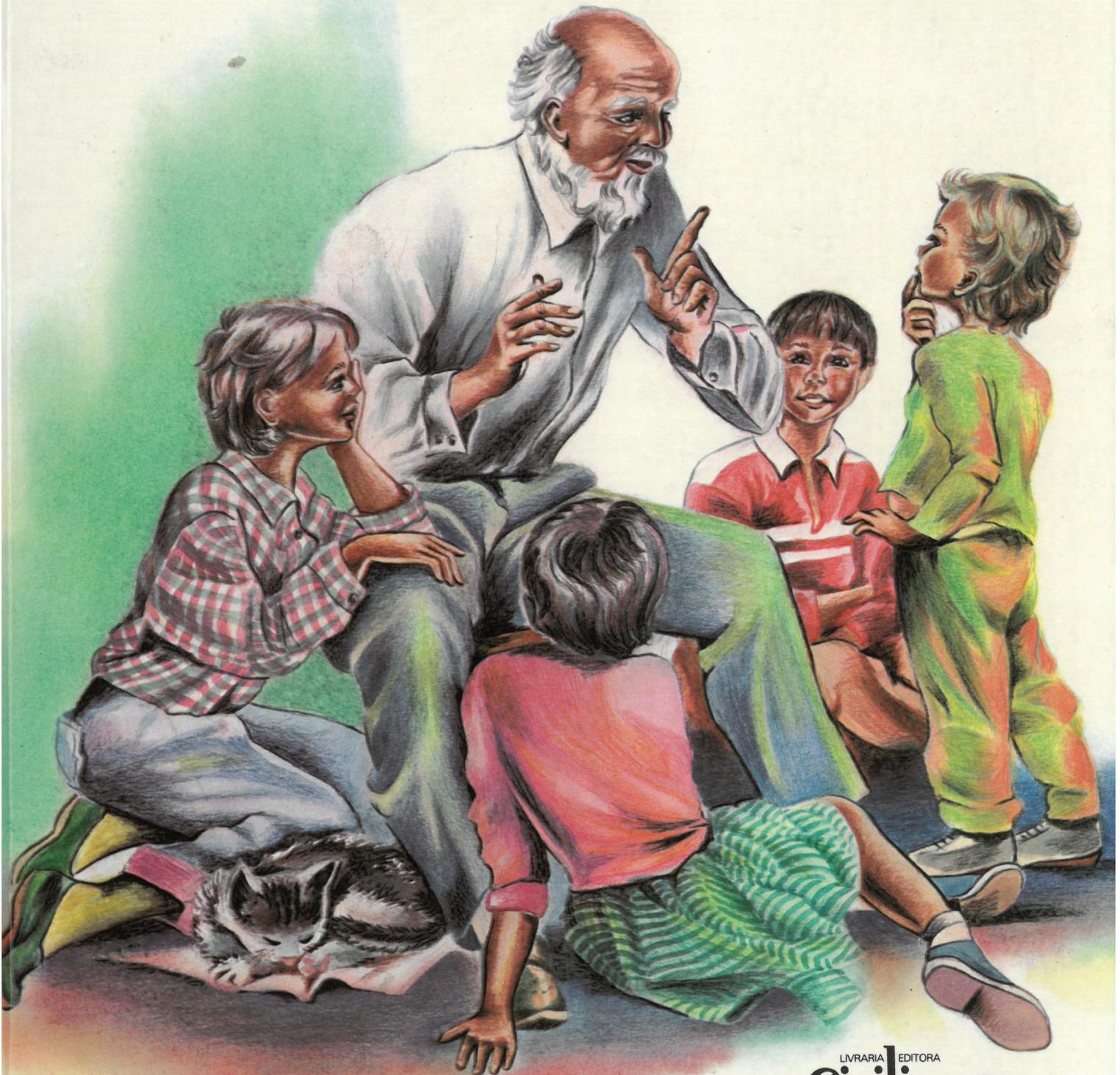


ANTÓNIO MENDES MOREIRA

# O AVÔ



Livraria Editora  
**Civilização**

ANTÓNIO MENDES MOREIRA

# O AVÔ

Ilustrações de Graça Dinis

Livraria EDITORA  
**Civilização**

**DO AUTOR:**

O TOJO TAMBÉM FLORESCE (romance) — Editorial Argus, 1956: 2.ª edição reescrita — Brasília Editora, 1985.

VIDA DE MÉDICO (episódios da clínica) — Editorial Argus, 1966: 2.ª edição corrigida e aumentada — Brasília Editora, 1981.

VILATEIA (romance) — 1975; 2.ª edição remodelada — Brasília Editora, 1985.

PENSANDO NO VALE DO SOUSA (ensaio/crónica) — 1981.

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 1.º tomo — Brasília Editora, 1983.

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 2.º tomo — Brasília Editora, 1984.

SOBRETUDO O AMOR (contos) — Brasília Editora, 1985.

O AVÔ (narrativa infanto-juvenil) — Livraria Civilização Editora, 1986.

**A PUBLICAR:**

EU E OS OUTROS (diário/memória) — 3.º e 4.º tomos.

A GIRAFÁ E O GUINDASTE (novela infanto-juvenil).

# O AVÔ

Foi em certa terra do Vale do Sousa, num tempo em que já não havia pobres nem ricos e as pessoas crescidas viviam como se fossem companheiros de escola, que se passou esta história.

No meio de campos, vinhas e pomares erguia-se um bosque, onde se escondia uma casa branca como uma ermida, rodeada de relva, canteiros de flores, arbustos e um lago com muitos cisnes e peixes.

Ora, essa era a casa do *avô* Augusto e, debaixo das árvores frondosas, onde os pássaros nunca deixavam de conseguir lar, morava uma multidão de bichos.

Mas quem era o *avô*? Um velho professor, assim chamado por ter sangue de camponês, cabeça branca como a neve, os olhos azuis como o céu e alma de infinito. Aos sessenta anos teve de afastar-se do trabalho, mas não pôde separar-se das crianças, que logo passaram a brincar no seu chão em todos os fins-de-semana e nas férias. E não há dúvida que sabia lidar com elas, desde as que mal sabiam andar a pé, até às que já iam

entrando na adolescência. É que, conhecendo a Natureza e muitos dos seus segredos, a Ciência e as suas maravilhas, a Arte e a sua beleza, a todos sabia distrair e ensinar.

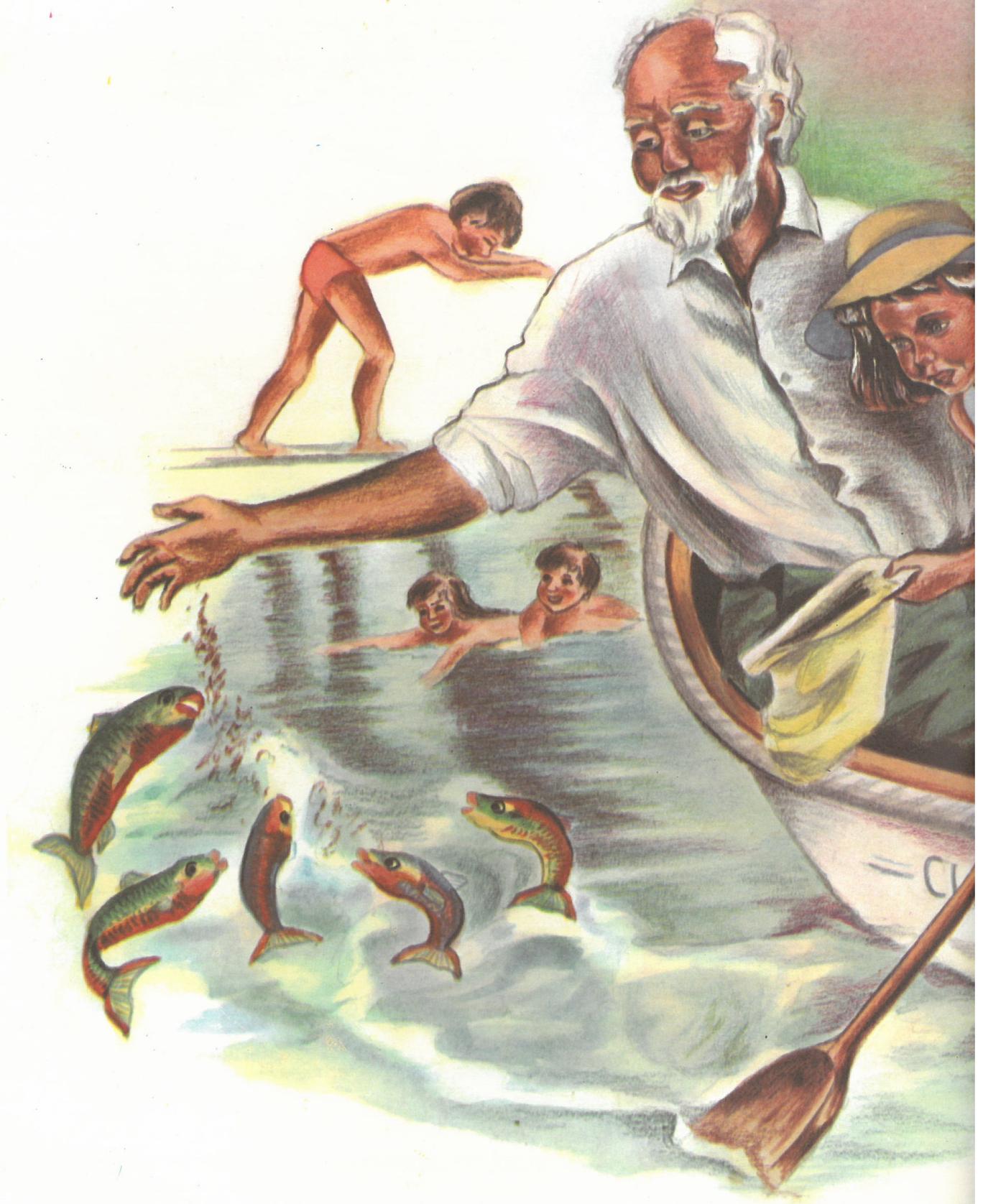
Recordo-me como se fosse hoje: no Inverno levava-nos para a lareira, onde assávamos castanhas e saboreávamos pão do seu forno, laranjas do seu pomar, leite do seu gado e mel das suas colmeias. Entretanto, ia-nos contando histórias que, de tão extraordinárias, a todos conseguiam entreter.

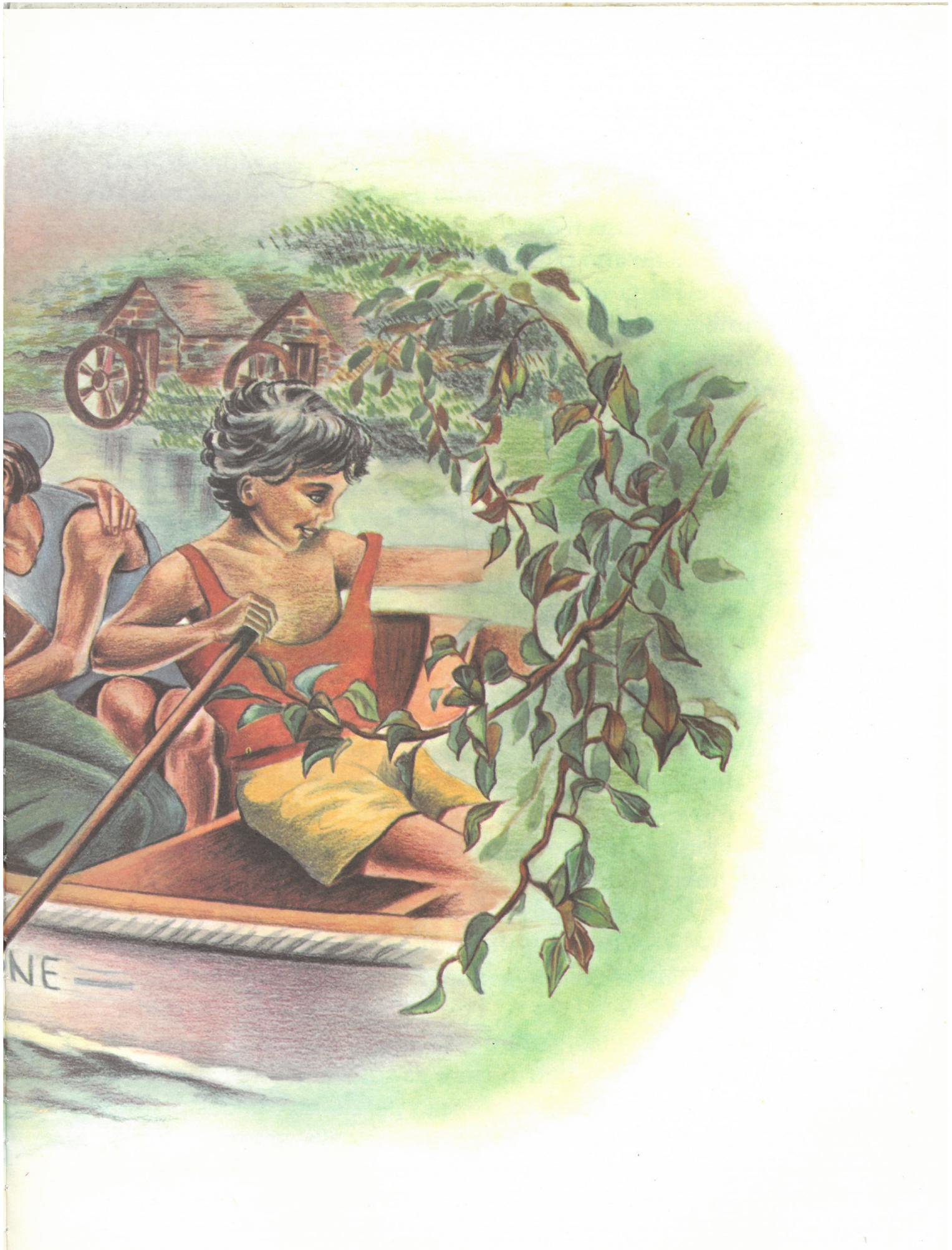
Falava-nos ainda da vida das abelhas, das formigas, dos castores e doutros animais exemplares. Outras vezes levava-nos até à sala-comum para nos ler contos e poesias ou para ouvirmos, música clássica e ligeira, e, desta, sobretudo a dos conjuntos e cantores que mais gostávamos; entretanto, os mais miúdos iam brincando com aviões, carros, comboios, berlindes, bonecas e «construções». Deliciava-nos ainda com filmes de desenhos animados, de ficção científica e do Charlot. Também, nas raras vezes em que a neve vestia tudo de branco, logo passava a tomar parte das nossas brincadeiras.

Na Primavera a sua quinta entrava em festa, e sobretudo por os animais se darem muito bem com ele. Realmente, desde as pombas às rolas, que vinham comer à sua mão; dos corvos e gaios às pegas e gralhas, que sabiam palrar com ele; dos pavões aos faisões, que gostavam de mostrar a sua vaidade; dos cágados aos ouriços-cacheiros, que pareciam saber jogar o «esconde-esconde»; dos pastores-alemães «Douro» e «Estrela», que passavam o tempo a pular e a abanar a cauda em seu redor, até ao «Foguete», um cavalo sempre à disposição e que gostava dos saltos de obstáculos; todos esses bichos e ainda os mais envergonhados ou medrosos, que mal sabiam descer do seu galho ou sair da sua toca, nunca deixavam de nos divertir muito.

Abetos, cedros, carvalhos, pinheiros, tílias, castanheiros e outras árvores, quase todas escolhidas e plantadas pelo *avô*,







também se enfeitavam com folhas novas de tons verdes ou cinzentos, enquanto as flores, de cores e perfumes variados, não deixavam de nos atrair tanto como às abelhas, borboletas, joaninhas e outros insectos.

Nessa altura do ano também era muito agradável correr pela mata, embelezada de amarelo e branco pelos tojos, pampilhos, mimosas e giestas, em busca de grilos, que só saíam das luras à custa da teimosia duma palheira ou até do chichi dos mais inocentes de todos nós...

No Verão, o *avô* Augusto costumava levar-nos até ao pomar para nos regalarmos com a fruta temporã. Ah, como era delicioso colher e trincar cerejas, saborear ameixas vermelhas ou amarelas e sentir os pêssegos de S. João a derreterem-se em nossas bocas!... E como era gostoso acompanhá-lo até ao rio Sousa, ladeado de plátanos cada vez mais grossos, choupos de folhas traquinas, canaviais que mais pareciam soldados em formatura, chorões e salgueiros de ramos vergados, fetos muito verdes, hidrângeas azuis ou cor-de-rosa e ainda rochedos atapetados de musgo.

Nesse tempo, em que já não havia poluição, conseguiu até arranjar uma «piscina» de água límpida numa levada, sempre pronta a mover dois moinhos, isto depois de lhe cobrir o leito com areia fina e de colocar algumas tábuas na margem para os nossos mergulhos.

Também foi aí que pôs a flutuar um barco muito branco e lúcido — o «Cisne» —, mas não sem ter o cuidado de ensinar os mais crescidos a nadar e a prestar os primeiros socorros.

Depois de sentados, com o *avô* ou um dos mais velhos aos remos, podíamos admirar o rio e as suas margens. A princípio, após uma chamada de atenção para a beleza das plantas e para as aves que moravam aí, preocupava-se em descobrir pica-peixes de cores muito brilhantes. A seguir, guiava-nos os

olhos para a água, onde, à sua tona, as libelinhas e os alfaia-tes eram muitos. Dentro dela também havia bastantes barbos, carpas, bogas e outros peixes, dos quais as trutas, muito rápidas e sarapintadas, nunca deixavam de salientar-se. E ao *avô*, que transportava sempre um saquitel de comida para a ir semeando pelo rio, tenho até a impressão de que o conheciam. É que, mal adivinhavam o barco, logo se aproximavam, e tão alegremente que chegavam a dar saltos para fora da água.

De vez em quando, enquanto íamos dando estalinhos com as dedaleiras ou provávamos amoras e framboesas, também era com ele que percorríamos a quinta toda para nos mostrar os ninhos com ovos maiores ou menores — brancos, pardos, azulados —, ou já com avezinhas, mais ou menos cobertas de penas, quase sempre dorminhocando ou de bico aberto.

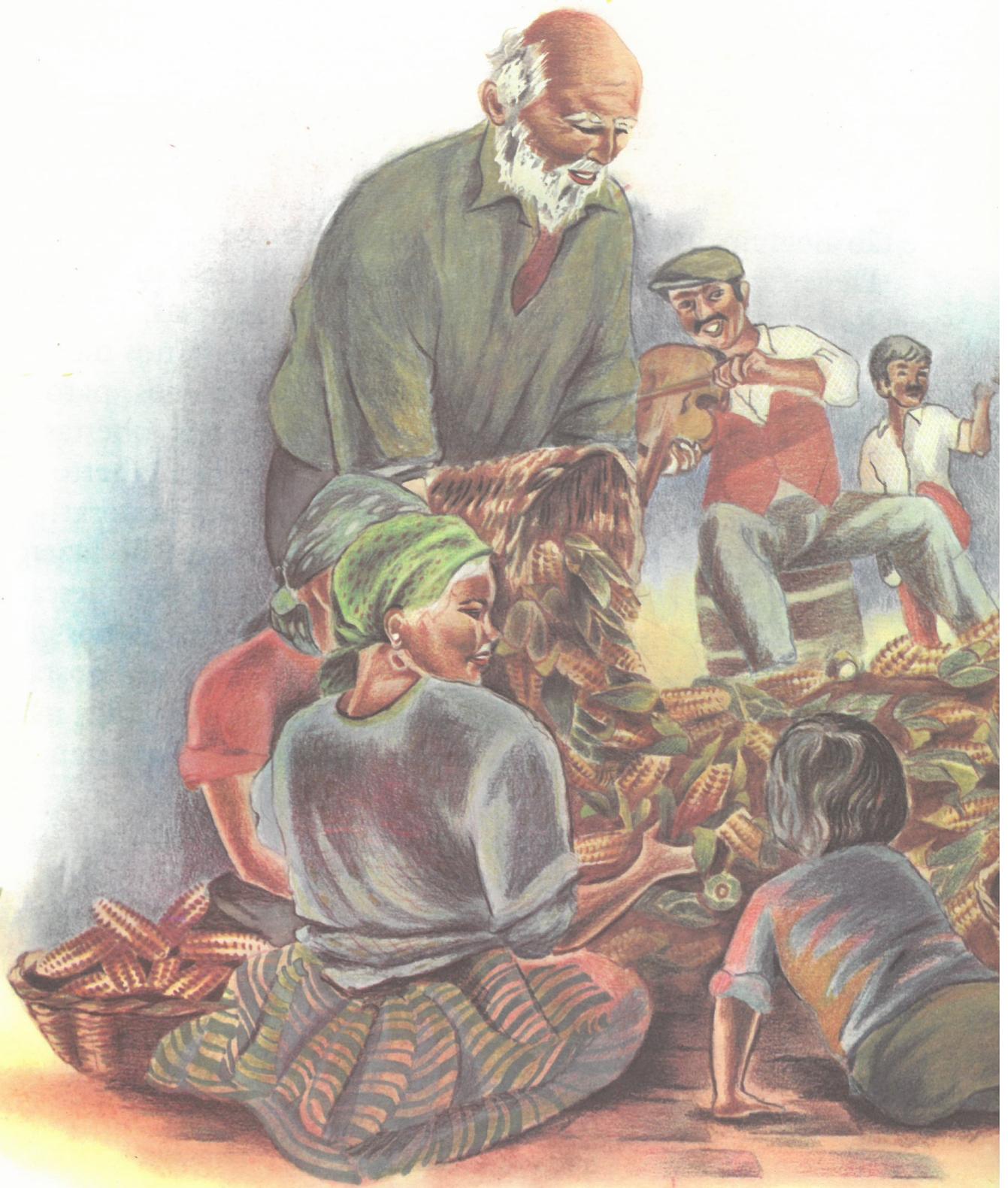
— Vejam só com os olhos! Os pais podem «desamorar!»... — era uma recomendação que nunca se cansava de fazer.

No Outono, quando as plantas se aprontavam para descansar, depois de entregarem muitos dos seus frutos às nossas e outras mãos e de começarem a despir as folhas, o *avô* gostava de conduzir-nos até uma das vinhas e aí, nas ramadas mais voltadas ao Sol, regalava-nos com cachos de uvas brancas, rosadas ou tintas.

No fim da vindima, depois de bem saboreado o jantar, que sempre oferecia a uma multidão, havia bailarico na eira de pedra por entre cantigas ao desafio. E, muito contente por nos mostrar antigos usos e costumes, era aí que se realizavam malhadas, esfolhadas e espadeladas.

Não podia haver dúvida nenhuma: ele gostava da vida do campo e, por isso, era quem mais podava, enxertava e cuidava das flores e dos frutos.

Entretanto, mal chegava o Inverno, logo passava a alimentar os pássaros com milho-miúdo. E eles até já iam conhecendo as horas da comida, pois, por volta do meio-dia e ao



anoitecer, com os pardais sempre atrevidos na dianteira, iam-se aproximando, em bandos, do relvado.

O 1.º de Dezembro era destinado à plantação de árvores pelos mais novos ou para os mais velhos admirarem os troncos e as ramagens das que lhes pertenciam. Além disso, o *avô* Augusto nunca se fatigava de dizer que, depois de derrubada, por necessidade, uma árvore, logo outra deveria herdar-lhe o chão.

Certa tarde, que recordo bem, desgostoso com uma desfeita que lhe pregaram, desabafou:

— Cada vez vos amo mais! E também aos bichos e às plantas!

Através da Lua, das nuvens, do vento, do fumo e da fala ou comportamento de muitos animais, como sapos, ralos, andorinhas, petos, galinhas, gatos, aranhas e alguns insectos, sabia adivinhar o tempo. Também,





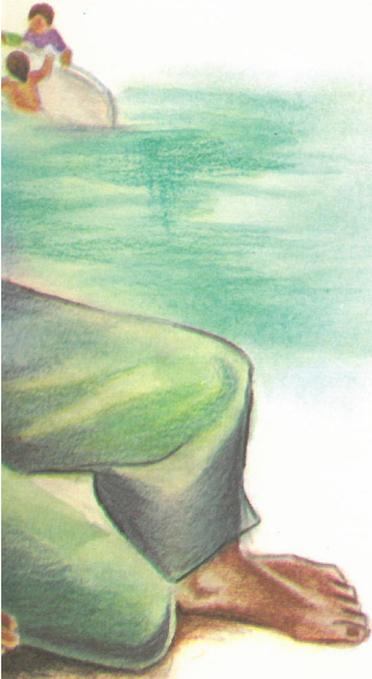
ao passear connosco, parava de vez em quando para ficar maravilhado com o céu, a paisagem, a brisa, um arco-íris, qualquer rumor de bicho junto ao chão ou o cântico duma ave.

Às vezes, só um ou outro dos maiores conseguia atingir-lhe o pensamento, sempre envolvido em sonho e ternura. A verdade, porém, é que isso nos fazia aumentar a atracção e amizade por ele.

Nessa época, já havia computadores, vídeo, conferências, concertos, exposições de pintura e escultura, bailado, cinema, teatro e outras manifestações de arte na «Casa da Juventude do Vale do Sousa». Então, na companhia dos mais velhos, ia com frequência para lá através da antiga estrada romana, depois de passar na ponte que o tempo já agasalhara com eras e líquenes.

Numa tarde de princípios de Agosto fomos, como de costume, até ao rio, enquanto o *avô* caminhava à frente, rodeado dos mais pequerruchos e também pelo «Douro» e a «Estrela», sempre rivais ao fazerem-lhe festas. No fim do «cortejo», trotava ainda o «Foguete», tendo um dos maiores como cavaleiro.

Como habitualmente, os mais crescidos foram mergulhar e nadar: de bruços, de costas, à cão e doutras maneiras, tudo com bastante espalhafato, enquanto o *avô* Augusto resolveu ir passear de barco até à «Ilha dos Amores» por entre gargalhadas, pulinhos, palmas e perguntas dos mais novos. E ele, como sempre, remava, remava, tranquilo como a água e, muitas vezes, tão distante como o azul do céu.



De repente, talvez para a levarem a sério, ergueu-se da proa uma voz cheia de terror:

— Ai! Ai! que vem aí um crocodilo!

Nenhum dos companheiros teve tempo de pensar que tais bicharocos nunca poderiam viver ali. Todos ficaram cheios de medo e nem o *avô* pôde sossegá-los. O «Cisne» voltou-se e os mais pequerruchos ainda não sabiam nadar!...

Nessa altura, a «Estrela» e o «Douro», que da margem nunca deixavam de ter os olhos apontados ao dono, começaram a latir e a galgar terreno na nossa direcção.

A essa corrida seguiu-se a dos colegas mais velhos, que brincavam na «piscina», e ainda o galope, mais desenfreado do que nunca, do «Foguete».

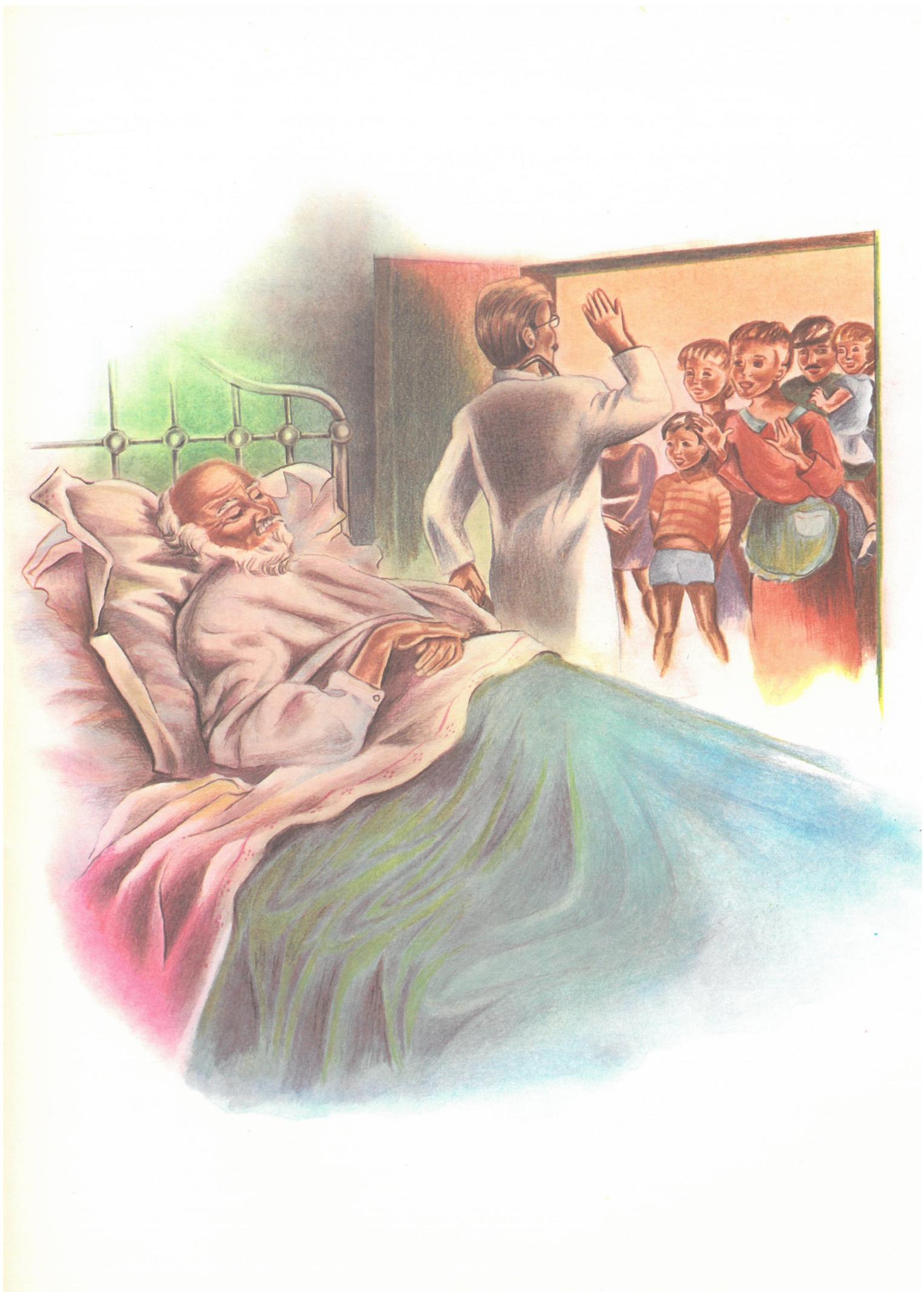
O *avô* desmaiara, não se sabe bem se por causa da aflicção, da idade avançada, ou duma doença súbita. Então, nadando, nadando, o «Douro», a «Estrela» e o «Foguete» trouxeram-no para a levada, enquanto dois dos mais crescidos lhe iam prestando os primeiros socorros. Entretanto, os mais miúdos também foram salvos pelos companheiros.

A amarga realidade, porém, é que não conseguiram reanimar o nosso velhinho.

Nessa altura, depois de o deitarem no «Foguete», montado pelo melhor cavaleiro dentre todos nós, foi a corrida à desfilada. E, de tal jeito, que chegou a haver quem garantisse que dos estribos teriam nascido asas, pois nem as patas da «Estrela» e do «Douro», mais ligeiras do que nunca por amor ao dono, foram capazes de acompanhá-lo.

Mal chegaram à sua e nossa casa, chamaram o médico pelo telefone, que não tardou a aparecer numa ambulância, nesse tempo já com todos os requisitos para cuidar dos doentes em estado grave.

Como as novidades mais tristes costumam ser as mais apressadas, quando se soube da notícia, à volta do lar do *avô* foi-se



juntando uma multidão de homens, mulheres, crianças e animais de asas ou patas, e só alguns peixes e plantas não apareceram, os primeiros por só saberem nadar e as últimas por não poderem ver-se soltas das raízes.

Depois duma demora, que fez dos segundos horas, o médico, de bata muito branca, mais parecendo, por isso, naquela ocasião tão triste, um anjo, apareceu à porta para exclamar piedosamente:

— Vive! Vive!

O que ninguém soube é onde ele passou a viver. Apenas uma certeza: na seiva das plantas, no coração dos bichos e na alma de todos nós nunca chegaria a morrer!

